PENSAMENTO UNIVERSITÁRIO

Antonio Paim

Os Novos Caminhos da Universidade

Antonio Paim

OS NOVOS CAMINHOS DA UNIVERSIDADE

COLEÇÃO
PENSAMENTO UNIVERSITÁRIO

18

FORTALEZA
IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA U.F.C. — 1981

Apêndice

1. DIFERENCIAÇÃO DAS FUNÇÕES DA UNIVERSIDADE

Simon Schwartzman

É importante aceitar de uma vez por todas que as diversas funções que se atribuem mais especificamente à universidade — formação profissional, formação e pesquisa científica, treinamento de elites, cultura geral — são muitas vezes incompatíveis e contraditórias, e deveriam ser tratadas de forma diferenciada. A Universidade brasileira continua sendo, essencialmente, formadora de profissionais do ensino superior, em detrimento e freqüentemente em contradição com as demais funções. Algumas formas possíveis de diferenciação são as seguintes:

a) *Educação geral.* A organização de nossas escolas superiores em faculdades profissionais oculta o fato de que muitas pessoas buscam nelas, simplesmente, uma continuação de sua educação geral,

sem objetivo profissional específico. Grande parte do contingente feminino de classe média e alta nas sociedades não tem um objetivo profissional explícito, mas participam da Universidade como parte de um movimento generacional mais amplo. Por outra parte, o mercado de trabalho no Brasil ainda é, e possivelmente continuará a ser receptivo a pessoas bem dotadas de recursos educacionais genéricos — que manejem bem a língua, conheçam idiomas estrangeiros etc. Um programa avançado de cultura geral, de forma semelhante ao *college* norte-americano, poderia dar guarida a esse tipo de estudante, reduzindo, assim, a pressão sobre os cursos profissionais.

b) *Educação profissional* (1). A formação profissional deveria ser dada de forma muito mais específica, atendendo às demandas que possam existir no mercado de trabalho, e não somente às demandas por vagas. Isso não pode ser feito de maneira simples, mas existem várias formas de "aproximação" desse objetivo. Uma delas é estimular a que os diversos setores do mercado de trabalho formem seus profissionais — os diversos setores do Estado, em primeiro lugar, e também os industriais, e as próprias associações profissionais. Seria possí-

(1) Aqui, como em outras partes do texto, o termo "profissional" corresponde às chamadas "profissões liberais", e não às profissões de nível "secundário".

vel imaginar, por exemplo, que a Ordem dos Advogados criasse ou supervisionasse suas próprias escolas de direito, enquanto o Ministério da Fazenda formasse seus economistas especializados. Isso não é uma novidade absoluta, como atentam os exemplos do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, do Instituto Militar de Engenharia, Escola de Administração Fazendária, Curso Rio Branco etc. O que tem impedido a generalização maior dessa tendência é o monopólio regulador do Ministério da Educação, que deveria ser reduzido.

c) *Educação de elite.* Essa é uma função que nenhuma sociedade dispensa, e que deveria ser tratada explicitamente no Brasil. Essencialmente, a forma para isso é a seleção de algumas instituições universitárias de alto nível, que possam diferenciar-se das demais e funcionar como centros nacionais de excelência. Existem aqui dois modelos clássicos possíveis, o francês e o inglês. No modelo francês, as *Grandes Écoles* selecionam pessoas de talento em todo o país, e lhes proporcionam uma formação intensiva de alguns anos, que depois lhes permite completar a formação profissional em escolas especializadas — as *Écoles d'Application.* A educação de elite é feita assim fora do sistema universitário, trazendo com isso alguns problemas graves, como a dificuldade de conciliar a formação de alto nível com o desenvolvimento da capacidade de criação in-

telectual e de pesquisa (2). O modelo inglês consiste em concentrar a formação de elite em algumas universidades principais — Oxford, Cambridge — que tendem a proporcionar um estilo muito mais livre e tutorial de formação, mas também muito mais aristocrático em estilo e recrutamento do que o francês. Outras universidades em outros países desempenham a mesma função — Tóquio, no Japão, as universidades da chamada *Ivy League*, nos Estados Unidos — e uma diferenciação desse tipo, utilizando alguns desses modelos, deveria ser também buscada para o Brasil. A idéia de centros de excelência, tentada já em nosso meio para o nível de pós-graduação, deveria ser estendida às universidades como um todo.

A maneira de reduzir o aspecto discriminatório dessa formação de elites é dupla. Em primeiro lugar, é necessário garantir um amplo recrutamento de seus alunos, na base do mérito, em escala nacional, e com um sistema adequado de bolsas de estudo para garantir a permanência dos estudantes junto aos centros universitários. A outra é de caráter mais geral, e tem a ver com ir criando uma pluralidade de oportunidades educacionais e profissionais tal que faça com que só os realmente mais bem dotados e orientados para a formação propor-

(2) J. Ben-David — "The rise and decline of France as a scientific centre", in Minerva, VII, 2, 1970, pp. 160-79.

cionada pelos centros de excelência se interessem por eles.

d) *Ensino e formação científica.* A idéia de que ensino e pesquisa científica devem estar sempre juntos não resiste a exame mais aprofundado, e deveria ser abandonada. A atividade de pesquisa e a formação dos futuros pesquisadores deve ser concentrada em alguns centros de alto nível, que não têm por que coincidir necessariamente com os centros de excelência de formação de elites. É desses centros que devem sair os professores universitários mais bem formados, que contribuirão para elevar padrões das escolas profissionais. Não há nada que impeça, e na realidade pode ser muito útil, que esses centros de excelência mantenham escolas profissionais experimentais ou padrão que possam servir de exemplos e modelos para o resto do país.

A atividade de pesquisa, obviamente, não tem por que estar concentrada nas universidades. Mas é importante que exista uma vinculação próxima entre a pesquisa e a formação de futuros pesquisadores, em programas de pós-graduação especialmente orientados para esse fim.

e) *Pós-graduação.* A pós-graduação, no Brasil, criada com o objetivo de melhorar o nível do professorado universitário e evitar a queda de padrões provocada pela expansão do sistema de ensi-

no superior, terminou, em grande parte, por se constituir em mais uma etapa do sistema educacional seriado, muitas vezes sem maiores acréscimos de qualidade. É possível distinguir, hoje em dia, pelo menos três funções diferentes que os quase mil cursos de pós-graduação hoje existentes no Brasil tratam de desempenhar:

credenciamento:

As exigências de títulos pós-graduados para o preenchimento ou promoção de cargos de magistério superior criaram uma grande demanda de cursos de pós-graduação, combinada com uma grande pressão para a redução dos padrões de qualidade. Trata-se evidentemente de uma demanda artificial, e que termina por não produzir o efeito de melhoria de nivel considerado necessário. O objetivo, nesse caso, deveria ser o de valorizar o conteúdo do conhecimento obtido na pós-graduação, menos do que do título formal, e dessa forma desinflar a pressão para novos cursos que hoje ocorre. Outro caminho possível é permitir a acreditação de conhecimentos pós-graduados para fins de carreira, de forma independente dos cursos de pós-graduação.

formação profissional:

Em algumas áreas, a pós-graduação simplesmente prolonga mais a duração dos cursos

profissionais, com dois efeitos. O primeiro é adiar por mais alguns anos a entrada do aluno no mercado de trabalho, o que é sempre conveniente quando esse mercado está saturado, e quando existe uma pequena remuneração para o estudante na forma de uma bolsa de estudos; o segundo é compensar, de algum modo, a má qualidade do ensino em nível de graduação. O objetivo, neste caso, seria criar alguns programas de pós-graduação profissional com o objetivo explícito de treinamento para certas áreas especializadas do mercado de trabalho, e bem diferenciadas do outro tipo de pós-graduação indicado abaixo. O problema de busca de pós-graduação como forma de adiar a entrada no mercado de trabalho, tanto quanto o problema da má qualidade do ensino graduado, necessitam, evidentemente, de equacionamento próprio.

formação científica e de pesquisa:

Esse tipo de pós-graduação é, formalmente, o único que existe hoje no Brasil, ainda que de fato as duas funções mencionadas anteriormente predominem. Seria necessário distinguir a pós-graduação científica da pós-graduação profissional, e ambas da questão da acreditação e reconhecimento de capacidade, para fins de carreira docente. Essa distinção permitirá reduzir a pressão que hoje existe sobre os programas de pós-graduação mais acadê-

micos e o estabelecimento de critérios mais firmes de qualidade.

Em geral, a suspensão do reconhecimento dos títulos de pós-graduação pelo Ministério da Educação seria uma medida simples e de efeito muito salutar para o saneamento imediato do sistema brasileiro de pós-graduação.

((Transcrito de *Ciência, Universidade e Ideologia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, pp. 118-121).